

A INCLUSÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

INCLUSION OF THE FAMILY IN THE LITERACY PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Claudilene de Aquino Ferreira¹
Bruna Milene Ferreira²

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo investigar e analisar a importância da participação da família no processo de alfabetização de crianças com TEA. O *Transtorno do Espectro Autista* é um transtorno do neurodesenvolvimento que traz prejuízos na comunicação e interação social comprometendo o desenvolvimento infantil. A alfabetização é um marco fundamental no percurso educativo de crianças e a inclusão da família nesse processo surge como um tema relevante e necessário. Identificamos que a família desempenha papéis muito importantes na alfabetização da criança com TEA, atuando como mediadora, incentivadora e facilitadora do aprendizado. A parceria composta por toda rede de apoio contribui para o desenvolvimento da criança, influenciando positivamente seu progresso acadêmico e seu bem-estar emocional. Destacamos também a importância da individualização das estratégias de alfabetização, levando em consideração as necessidades específicas de cada criança com TEA. A família, por estar em contato direto com a criança, possui um conhecimento profundo de suas preferências, interesses e desafios, o que pode orientar de forma eficaz a elaboração de atividades e intervenções personalizadas. Concluímos que a inclusão da família no processo de alfabetização de crianças com TEA é essencial para o sucesso educativo dessas crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Criança. Família. Individualização. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT: The present research aims to investigate and analyze the importance of family participation in the literacy process of children with ASD. Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder that causes impairment in communication and social interaction, compromising child

¹ Concluinte do curso de Psicologia do *Centro Universitário Alfredo Nasser*, sob a supervisão da Profa. Msc. Bruna Milene Ferreira. E-mail para contato: claudilenaaquinoferreira@gmail.com

² Graduada em Filosofia pela *Universidade Federal de Goiás* (2001), e Mestrado em Ética e Filosofia Política pela *Universidade Federal de Goiás* (2004). Atualmente é professora de Filosofia Geral e da Educação, Sociologia Geral e da Educação e Pesquisa Educacional no curso de Pedagogia. Coordena o Programa de Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso do *Instituto Superior de Educação do Centro Universitário Alfredo Nasser*. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Lógica, Ética, Política e Linguagem. É integrante do grupo de estudo sobre Indústria Cultural e Sociedade do Espetáculo. É editora chefe da Revista Acadêmica do ISE - UNIFAN *Educação e Cultura em Debate*. Colaboradora da Revista Sociedade, Saúde e Meio Ambiente. Integrante do NDE do curso de Pedagogia. É orientadora de trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia (UNIFAN). E-mail para contato: bruna@unifan.edu.br

development. Literacy is a fundamental milestone in children's educational journey and the inclusion of the family in this process appears as a relevant and necessary topic. We identified that the family plays very important roles in the literacy of children with ASD, acting as mediators, encouragers and facilitators of learning. The partnership made up of the entire support network contributes to the child's development, positively influencing their academic progress and emotional well-being. We also highlight the importance of individualizing literacy strategies, taking into account the specific needs of each child with ASD. The family, being in direct contact with the child, has in-depth knowledge of their preferences, interests and challenges, which can effectively guide the development of personalized activities and interventions. We conclude that the inclusion of the family in the literacy process of children with ASD is essential for the educational success of these children.

Keywords: Literacy. Child. Family. Individualization. Autism Spectrum Disorder.

1. INTRODUÇÃO

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.
(Nelson Mandela)

A escolha deste tema é motivada pela necessidade de compreender como a parceria entre a escola e a família pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento acadêmico e social das crianças com *Transtorno do Espectro Autista* (TEA), durante o processo de alfabetização. O autismo é um assunto muito comentado atualmente, porém não é fácil para a família lidar com o diagnóstico e já é fato que a inclusão é um conceito fundamental na educação contemporânea, que procura garantir oportunidades de aprendizagem para todos os alunos, independentemente de suas características individuais.

No caso TEA, a inclusão torna-se ainda mais relevante, pois demanda uma abordagem abrangente, que considere não apenas as necessidades educacionais, mas também as necessidades sociais, emocionais e familiares dessas crianças. A alfabetização é um marco crucial no desenvolvimento educacional de qualquer criança, e para aquelas com TEA, pode representar desafios únicos que necessitam de abordagens específicas e adaptadas. Neste contexto, a pesquisa tem como objetivo explorar a importância da inclusão da família no processo de alfabetização de crianças com TEA.

A inclusão de crianças com TEA no processo de alfabetização, com a participação ativa de suas famílias, ajuda a reduzir o estigma e a discriminação associados a esse transtorno. Isso promove uma cultura de aceitação e valorização da diversidade humana.

Ao longo deste trabalho, serão abordados aspectos teóricos relacionados à inclusão educacional, ao *Transtorno do Espectro Autista* e ao processo de alfabetização. Além disso, serão discutidos estudos e práticas que evidenciam a importância da participação da família no processo de alfabetização de crianças com TEA, destacando os benefícios dessa colaboração para o desenvolvimento integral da criança.

Por fim, o estudo pretende contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as práticas educacionais inclusivas, fornecendo insights e recomendações que possam orientar educadores, profissionais da saúde e famílias na promoção de uma educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas necessidades individuais.

2. A DIFICULDADE FAMILIAR EM RECONHECER A DEFICIÊNCIA DA CRIANÇA

O termo autismo foi usado pela primeira vez, em 1919, pelo psiquiatra suíço Bleuler, onde descrevia comportamento de pacientes adultos com esquizofrenia, depois em 1943 o professor e psiquiatra Leo Kanner, escreveu um artigo expondo a diferença do autismo com outras patologias e também o pediatra austríaco Hans Asperger, em 1944, citou um grupo de criança que apontavam sintomas parecidos com o do autismo:

Desde o século XIX, a literatura tem descrito casos isolados de crianças com graves distúrbios mentais, decorrentes de importantes distorções dos processos normais desenvolvimento que, de acordo com a atual terminologia, preencheriam critérios para autismo infantil ou transtorno autista (MALSON, 1964, p. 14).

A compreensão e aceitação das deficiências de uma criança com *Transtorno do Espectro Autista* (TEA), podem representar um desafio significativo para as famílias, o termo já foi falado a séculos, porém apenas em 1979 o diagnóstico de autismo infantil apareceu na série de diagnóstico da

Organização Mundial de Saúde (OMS). Porém, o diagnóstico ainda é desafiador, devido à sua complexidade e variedade de sintomas, tornando difícil para as famílias entenderem as características únicas de seus filhos, fazendo com que recorra então a tendência de comparar as crianças com padrões típicos, onde pode dificultar a aceitação, pois as expectativas muitas vezes não correspondem à realidade:

Após o diagnóstico, um dos principais problemas enfrentados pelos pais é de ordem emocional, por exemplo, ao comparar seu filho autista, de desenvolvimento comprometido em algumas áreas, como a fala e a interação social, com crianças normais, que atingem metas esperadas para cada faixa etária (PEREIRA, 2011 p. 53).

O TEA é caracterizado por uma ampla variedade de sintomas que podem se manifestar de maneiras diferentes em cada indivíduo, o autismo pode ser enquadrado em três categorias dentro do DSM-5, são elas: Deficiência Social, Dificuldades de linguagem e comunicação e Comportamentos repetitivos e/ou restritivos. O autista dificilmente usa a linguagem para se comunicar; não responde quando é chamado; não compartilhar interesses ou conquistas; tem dificuldade em entender a linguagem não verbal e normalmente não entende gestos como apontar ou acenar; também tem expressões limitadas para se comunicar; não costuma interagir com outras crianças, possui dificuldades em fazer amigos e apresenta limitação para participar de algumas brincadeiras. Simultaneamente, muitas pessoas com autismo também têm outras condições médicas ou psiquiátricas, como transtornos de ansiedade, depressão, TDAH, entre outros. A presença de comorbidades pode complicar o processo de diagnóstico.

O DSM-5 divide o autismo em níveis diferentes de acordo com algumas condições do indivíduo autista. Basicamente, é separado em graus 1, 2 e 3 ou autismo leve, moderado e severo:

No grau 1, autismo leve as maiores dificuldades estão relacionadas aos déficits de comunicação, sem muitas comorbidades associadas. Por conta disso, o pequeno com autismo leve muitas vezes é rotulado como desinteressado.

No grau 2, autismo moderado possui aspectos mais complicados em relação ao anterior. Nesse caso, a falta da verbalização pode ser um dos problemas do indivíduo acometido e, geralmente, mais comorbidades estão associadas ao diagnóstico.

E no grau 3, autismo severo se caracteriza pelos prejuízos no neurodesenvolvimento serem mais elevados. Nesse contexto, os problemas estão presentes desde o processo de socialização até o funcionamento geral de corpo e mente. Por esse motivo, a independência da criança com autismo é mais difícil de ser conquistada no grau três.

O diagnóstico do autismo muitas vezes requer uma avaliação abrangente de uma equipe multidisciplinar, incluindo profissionais de saúde mental, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, entre outros. Coordenar essas avaliações pode ser desafiador, mas apesar dessas dificuldades, o diagnóstico precoce e preciso do autismo é crucial para garantir a intervenção e o suporte adequados.

Algumas famílias podem temer o desconhecido e se preocupar com o futuro de seus filhos. Isso pode incluir preocupações sobre a independência, a capacidade de se relacionar com os outros e o acesso a oportunidades educacionais, o que envolve ajustar as expectativas que os pais têm para o futuro de seus filhos. A falta de conhecimento sobre o TEA, principalmente da família, dificulta a aceitação. Sendo assim, a necessidade de orientação profissional tem sido extremamente necessária, porque, em muitos casos a descoberta do autismo é permeada pela indiferença de alguns pais que não concordam (PINTO et al., 2016; ZANON; BACKES; BOSA, 2017).

Outra questão é a falta de acesso a recursos e apoio adequados pode tornar ainda mais difícil para as famílias lidarem com as complexidades do TEA, resultando em frustração e isolamento. A pressão social e familiar para que a criança se encaixe em normas convencionais pode criar um ambiente em que as dificuldades da criança com TEA são minimizadas ou até mesmo ignoradas. Quando à família recebe o diagnóstico de autismo:

Surgem inúmeros questionamentos por parte dos pais, angústias e inseguranças afetam o lado emocional da família. Os problemas se manifestam ao observarem os comportamentos atípicos do seu filho comparados às demais crianças. Silva, Gaiato e Reveles (p 65) [10] relatam que é perceptível que alguns pais não conseguem aceitar o diagnóstico do TEA e passam a realizar dispendiosas peregrinações ou verdadeiros "doctor shopping", consultando diversos médicos em busca de outras opiniões e/ou diagnósticos. Ouvir este diagnóstico é algo ainda muito difícil para as famílias, tendo em vista que este transtorno carrega estigma e preconceito. (SANTOS et al, 2020).

Reconhecer e superar essas dificuldades exige tempo, educação e apoio adequado para as famílias, o que é observado diariamente, é que a família não está dando a mínima para o problema que a criança está trazendo e as consequências do autismo. Os autismos vêm com uma demanda muito grande de participação familiar, apoio psicológico, medicações de horário e muito estímulo advindo da integração escolar, é possível diagnosticar crianças com bons resultados, vindo dos estímulos da educação, da família e do social, por isso, se faz necessário uma ação, um conjunto para ajudar essa criança a lidar melhor com o autismo, conhece-lo e desenvolve-lo ao longo do tempo.

O papel da família é de suma importância para a construção do desenvolvimento cognitivo do educando, fazendo com que consigam desenvolverem um laço afetivo, emocional e também de aprendizagem para estimular o processo de ensino e aprendizagem.

A conscientização sobre o TEA e a promoção de uma cultura de aceitação são cruciais para ajudar as famílias a enfrentarem esses desafios de maneira construtiva e compassiva. O acesso a grupos de apoio, com orientação de profissionais, conexão com outras famílias que enfrentam desafios semelhantes e a busca de recursos e serviços adequados para apoiar o desenvolvimento e bem-estar da criança podem ser valiosos nesse processo:

É importante ressaltar também que, normalmente, quando a notícia da deficiência é dada aos pais, a criança é encaminhada para os serviços médicos de genética ou de estimulação precoce, mas os pais não costumam ser encaminhados para lugar algum, a fim de receber atendimento psicológico. Além da dor, experimentam a solidão (SERRA, 2010 p. 43).

A verdadeira inclusão acontece quando abraçamos a diversidade do espectro autista, reconhecendo e celebrando as peculiaridades de cada criança. A aceitação não apenas constrói pontes, mas também cria um mundo onde todas as vozes, neurodivergentes ou não, têm espaço para serem ouvidas e valorizadas.

Um exemplo sobre a aceitação do autismo é o filme *O Milagre de Tayson* (Título original *Tyson's Run*), que foi inspirado em um diálogo de uma criança com o criador do filme Kim Bass, onde ela não acreditava que poderia um dia correr tão rápido, se comparando com outras crianças “normais”. O filme serve

de inspiração não só para os autistas, mas a todas as pessoas que acreditam e sonham, ele incentiva a ter determinação, persistência e confiança.



(O milagre de Tayson – filme 2022)

O filme conta a história Tyson um adolescente de 15 anos que decide participar de uma maratona em busca da vitória, para assim ter a aprovação de seu pai, um renomado treinador de futebol, que faz de tudo pelos seus atletas e tem vergonha de seu filho que é autista. O pai deixa toda a responsabilidade do filho com a esposa, que se anulou de sua vida para se dedicar ao seu filho, ela o educou e alfabetizou em casa, porem chegou uma fase que a mãe já não tinha mais conhecimento para repassar ao filho e ele sentiu a necessidade de ir para escola, na intenção de aprender álgebra.

Então foi na escola que Tayson viu a oportunidade de chamar a atenção de seu pai, como não se “encaixava” no perfil do time de futebol, encontrou na corrida uma habilidade e daí uma oportunidade de participar de uma grande maratona, onde não bastava correr, o objetivo era ganhar. Diante deste novo desafio ele contou com o apoio de um desconhecido, uma vez que o pai não acreditava em seu potencial e sua mãe que até aceitou inclui-lo, porem tinha medo que ele se machucasse.

A aceitação não veio com a maratona é sim após um acidente onde o pai se viu impossibilitado de salvar a vida de seu filho e que por muito pouco quase o perdeu, só assim que ele resolveu deixar o emprego e apoiar sua família.

Outro ponto comentado no filme é sobre a realização de um exame durante a gestação que possibilita o diagnóstico de autismo. O exame é o Microarray, “ele permite identificar alterações cromossômicas submicroscópicas não balanceadas ao longo de todo o genoma. É capaz de detectar ganhos ou perdas de segmentos cromossômicos, muitas vezes não diagnosticados em outros tipos de exames”, destaca o autor:

“O teste permitirá que, a partir de dados personalizados, os pais ganhem tempo e a oportunidade de antecipar o planejamento dos cuidados especiais e o tratamento mais adequado para a criança”, destaca João Bosco Oliveira, médico e responsável técnico do laboratório Genomika do hospital Israelita Albert Einstein.”.

Outro ponto para a escolha do filme para o artigo é que o ator que interpreta Tayson ser autista, provando que não a limitações para uma pessoa com TEA, o filme relata justamente como essa história de grande superação se inicia, e como que mesmo com todas as dificuldades o personagem consegue supera-las. Conforme o ator Major Dodson aponta, na visão dos autores:

“Eu acho que vai ser uma nova descoberta para a maioria das pessoas”, ele disse ao Crosswalk.com, “...Eu cheguei muito longe, percorri um longo caminho de como eu costumava ser quando era criança. Eu dou crédito à terapia ocupacional. Eu dou crédito para a boa paternidade e aceitação de quem eu sou ao longo dos anos – Me deixando ir e fazer minhas próprias coisas. Então, eu sou muito, muito independente agora”. (LIMA, MENEZES, 2003, p. 15).

Quando se tem um testemunho de um autista que venceu todas as limitações imposta pela sociedade, alcançando seu objetivo e podendo mostrar não apenas a história de seu personagem, mas um pouco de sua história de superação, acreditamos ainda mais que, tendo o suporte familiar e com uma rede de apoio (instituição escolar, social) adequada, existe sim a possibilidade de alfabetizar uma criança com TEA, até porque a criança ela está apta para receber todos os tipos de estímulos, só se faz necessário ter condições, estrutura para saber como desenvolver essas sensações na criança.

É fundamental que a equipe pedagógica que acompanha essa criança com TEA estejam dispostos e bem equipados para recebe-los, preparar o ambiente, não é só a decoração, mas, sim o material pedagógico, a didática, a metodologia, os recursos que será utilizado com elas, o autismo deveria ser no Brasil levado mais a sério e com dignidade, para que todas as crianças que possuem o problema sejam respeitadas e integradas a sociedade, sem preconceitos e discriminações por parte das pessoas.

3. PRINCIPAIS DESAFIOS EM RELAÇÃO A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Toda pessoa com deficiências tem seus direitos defendidos pela constituição (Brasil,1988), juntamente com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (Brasil, 1996), o que inclui as crianças com autismo, na Constituição é contemplada em seu art. 205 “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Também consta entre outros documentos constitucionais a Declaração de Salamanca, onde no item 59 encontramos:

Uma parceria cooperativa e de apoio entre administradores escolares, professores e pais deveriam ser desenvolvidos e pais deveriam ser considerados enquanto parceiros ativos nos processos de tomada de decisão. Pais deveriam ser encorajados a participar em atividades educacionais em casa e na escola (aonde eles poderiam observar técnicas efetivas e aprender como organizar atividades extracurriculares), bem como na supervisão e apoio à aprendizagem de suas crianças. (BRASIL, 1994, p. 58).

A inclusão de crianças com TEA nas escolas é um processo contínuo que requer esforços colaborativos de educadores, profissionais de saúde, pais e comunidade escolar. Quando bem implementada, a inclusão proporciona oportunidades valiosas para o aprendizado e o desenvolvimento social de todas as crianças:

A família é extremamente importante, ajuda a incluir o filho autista num mundo onde ele não se vê, onde não se encontra e onde acha difícil

comunicar-se. O interesse dos pais reflete nos filhos segurança, motivação e amenização de possíveis dificuldades. A inclusão deve começar ainda em casa, aceitando o problema, estimulando as melhoras e trabalhando diariamente para que o quadro artístico tenha o mínimo de estereótipos e comprometimentos (PEREIRA, 2011 p. 54).

Alfabetização de crianças com TEA pode apresentar desafios específicos devido às características dessa condição. Cada criança é única, e as habilidades e dificuldades podem variar amplamente.

Muitas crianças têm dificuldades na compreensão da linguagem, o que pode afetar a compreensão de instruções de leitura e escrita. Algumas podem ter dificuldade em expressar suas ideias por meio da linguagem verbal ou escrita, ser hipersensíveis ou hipossensíveis a estímulos sensoriais, como texturas, sons ou luzes, o que pode afetar a disposição delas para se envolverem em atividades de leitura e escrita. As dificuldades motoras finas também podem impactar a capacidade de escrever de forma legível e realizar atividades que envolvam manipulação de objetos, como lápis e livros.

A socialização pode ser um processo desafiadora, afetando a participação em atividades de grupo, como leitura compartilhada ou discussões em sala de aula. As alterações na rotina podem ser difíceis para algumas crianças com TEA, o que pode afetar a capacidade delas de se adaptarem a diferentes atividades de aprendizado. A criança com TEA:

[...] permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele (Praça, 2011 p. 25).

Para superar esses desafios, é essencial uma abordagem multidisciplinar que envolva educadores, terapeutas, pais e outros profissionais. A criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo e adaptado às necessidades individuais de cada criança com TEA é crucial para promover o sucesso na alfabetização. O uso de estratégias como a análise aplicada do comportamento (ABA) e o suporte de profissionais especializados pode ser benéfico.

4. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA CONSTITUÍDA POR PSCÓLOGOS, PEDAGOGOS, GESTÃO, MÉDICOS E A FAMÍLIA

A criação de uma rede de apoio multidisciplinar para auxiliar no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma abordagem excelente e abrangente. Cada profissional desempenha um papel específico na promoção do desenvolvimento e na superação de desafios que podem surgir durante a alfabetização, esses problemas se dão por conta das diferentes adversidades que são encontradas tanto nas crianças com TEA, quanto na má formação da equipe pedagógica que muitas das vezes não possuem um certo preparo para aparar esses alunos, e isso desemboca na educação, que se consolida um problema, mas, por esses dois motivos. Por isso, é importante procurar uma boa base para que a criança tenha o suporte necessário para aprender e conseguir ter a formação que realmente faça a diferença em sua vida, uma educação significativa.

Voltando para a discussão do papel de cada profissional afim de alcançar a superação dos desafios que a alfabetização de crianças com TEA exige, podemos citar alguns desses profissionais como:

Psicólogos: Avaliação e diagnóstico das necessidades individuais de cada criança com TEA. Desenvolvimento de estratégias de intervenção psicológica para lidar com questões emocionais e comportamentais relacionadas à efetiva alfabetização. Colaboração com outros membros da equipe para criar um ambiente de aprendizado inclusivo.

Pedagogos: Desenvolvimento de estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades específicas de crianças com TEA. Implementação de métodos de ensino personalizados, levando em consideração estilos de aprendizagem e preferências individuais. Colaboração com os pais para fornecer suporte contínuo em casa.

Gestão: Coordenação e organização de recursos e materiais educativos adaptados. Monitoramento do progresso e avaliação contínua das estratégias implementadas. Facilitação da comunicação entre todos os membros da equipe. De acordo com:

A educação inclusiva não ocorre por decreto ou modismo, pois é um longo processo. Deve-se levar em conta as diversidades de cada aluno, é preciso criar diferentes formas de mecanismos, que facilitem a interação social, educacional e emocional com seus colegas e professores. A inclusão escolar vai muito além dos espaços físicos da escola e deve valorizar as diversas culturas encontradas em cada aluno. A escola deve se responsabilizar em criar um espaço para a efetiva inclusão. (SIQUEIRA; TOLEDO, 2021, p. 53).

Médicos: Avaliação e monitoramento da saúde física geral da criança.

Identificação e gestão de questões de saúde que possam afetar o processo de aprendizado. Colaboração com outros profissionais para abordar qualquer necessidade médica específica.

Família: Participação ativa no processo educacional, com a compreensão das estratégias e métodos utilizados. Implementação de práticas recomendadas em casa para reforçar a aprendizagem. Compartilhamento de informações valiosas sobre o comportamento e as preferências da criança:

É de extrema importância na vida de qualquer criança o acompanhamento presencial dos pais e de toda a família, eles têm o dever de ofertar segurança, afeto e principalmente educação. Logo, a situação das famílias de deficientes não é diferente, são situações muito parecidas, porém a família que tem deficientes vive em uma situação mais delicada. (OLIVEIRA e SOBRAL 2020, p. 166).

A comunicação aberta e colaborativa entre todos os membros da equipe é fundamental para o sucesso dessa abordagem. Reuniões regulares, compartilhamento de informações e ajustes contínuos nas estratégias são essenciais para garantir que a criança receba um suporte integral e personalizado. Essa abordagem holística pode contribuir significativamente para o desenvolvimento acadêmico e social das crianças com TEA durante o processo de alfabetização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração da pesquisa, sobre a importância da inclusão da família no processo de *Alfabetização de Crianças com Transtorno do Espectro Autista* (TEA). Pode-se compreender que a participação ativa e participativa da família

é um componente essencial para o sucesso educativo dessas crianças, influenciando diretamente seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Percebemos que a família exerce múltiplos papéis no processo de alfabetização, atuando não apenas como cuidadora, mas também como mediadora e incentivadora no processo de aprendizagem. Através de uma parceria sólida com os profissionais da educação, os pais e demais membros da família podem contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita da criança com TEA.

Destacamos também a importância de adaptação das estratégias de alfabetização, levando em consideração as necessidades e características específicas de cada criança com TEA. A família, por estar em constante contato com a criança, possui um conhecimento profundo de suas preferências, interesses e desafios, o que pode orientar de forma eficaz a elaboração de atividades e estratégias personalizadas.

Além disso, enfatizamos a necessidade de uma abordagem inclusiva e centrada na criança, que reconheça sua diversidade e promova sua participação ativa no processo de aprendizagem. A família desempenha um papel fundamental na defesa dos direitos e na promoção do bem-estar da criança com TEA, sendo essencial sua participação nos processos de tomada de decisão e na construção de ambientes educativos acolhedores e acessíveis.

Por fim, reforçamos a importância da colaboração entre a rede de apoio composta pela escola, família, psicólogos, entre outros, visando o estabelecimento de uma parceria verdadeira e empática em prol do desenvolvimento integral da criança com TEA. Ao reconhecer e valorizar o conhecimento e a experiência da família, podemos construir juntos uma educação mais inclusiva, equitativa e significativa para todas as crianças, independentemente de suas habilidades e condições.

Este trabalho representou apenas um ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre a inclusão da família no contexto da alfabetização de crianças com TEA. Espera-se que as reflexões e conclusões aqui apresentadas inspirem novas pesquisas, práticas pedagógicas e políticas públicas voltadas para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e centrada na criança, para assim validar a importância que essas crianças tem na sociedade, e mostrar

pra elas mesmas o quanto de potencial elas possuem, desde potencial criativo até comportamental, lógico, sensitivo e outros.

Se tem uma preocupação constante é com a educação, os espaços escolares, mas, de certa forma deve-se também ter uma preocupação no lugar que a família ocupa no cerni da discussão, a família é o berço para despertar o primeiro passo do processo de ensino e aprendizado da criança, então cabe também a ela, fazer um movimento que oportuniza a criança a estimular essa linguagem, a comunicação, o cognitivo, para termos menos dificuldades e exclusão nos espaços escolares.

Por fim, é necessário dar uma ênfase maior nessa alfabetização de crianças com TEA, e saber que esse é um processo em que se deve ocorrer de forma personalizada, respeitando a individualidade, as dificuldades, conflitos e dilemas de cada criança, ter um olhar atento a estimulação cognitiva, com técnicas diferenciadas que irá fazer com que sustente o processo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

(APA), American Psychiatric A. DSM-5. **Artmed Editora Ltda**: Grupo A, 2016. E-book. ISBN 9788582711835. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#!/books/9788582711835/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Baptista, Makilim Nunes. **Psicologia hospitalar**: teoria, aplicações e casos clínicos / Makilim Nunes Baptista, Rosana Righetto Dias. - 2.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.h.in CAPÍTULO 7- Ambulatório Especializado no Atendimento de Crianças Autistas, César de Moraes & Lídia Straus.

EINSTEINS, Albert. **Diagnósticando o Autismo**. Disponível em: <https://genomika.einstein.br/blog/microarray-e-indicado-para-diagnostico-do-autismo>. Acesso em: 11 de nov. 2023.

QUEIROZ, Rana, Letícia, Oliveira. **Alfabetização de crianças com TEA**: um relato de experiência. Disponível em:

[Rhttps://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44553/1/MONOGRAFIA%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20TEA%202021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44553/1/MONOGRAFIA%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20TEA%202021.pdf). Acesso em: 02 de Abr. 2004.

LIMA, Bruno. **O milagre de Tyson**. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/10/27/dicas-e-tutoriais/o-milagre-de-tyson-filme-da-netflix-e-inspirado-em-historia-real/>. Acesso em: 01 de Abr. de 2024.

MALSON, C.A. **Definição do Espectro Autista**, 1964. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 21 de Abr. 2024.

MENEZES, Samara. LIMA Bruno Ignácio. **O milagre de Tyson**: filme da Netflix. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/10/27/dicas-e-tutoriais/o-milagre-de-tyson-filme-da-netflix-e-inspirado-em-historia-real/>. Acesso em: 14 de Fev. 2024.

OLIVEIRA, Fátima Dyanne de Souza; SOBRAL Maria do Socorro Cecílio. **Família e Escola no enfrentamento do Deficit Cognitivo**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 162- 169. ISSN: 1981-1179.

SIQUEIRA, F.A. TOLEDO, M.L. **O papel da família na educação inclusiva**. 2021. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2969/1/tcc_Thais%20Teixeira%20de%20Souza.pdf. Acesso em: 23 de Abr. 2024.

Pereira, F. A. **A família e a escola frente ao diagnóstico da criança**: um estudo de caso sobre inclusão e autismo. Disponível em: <file:///C:/Users/Vaio-PC/Downloads/Maria+Helena+Cardoso.pdf>. Acesso em: 21 de Abr. 2024.

Pinto et al., 2016; Zanon; Backes; Bosa. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Vaio-PC/Downloads/Maria+Helena+Cardoso%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Vaio-PC/Downloads/Maria+Helena+Cardoso%20(2).pdf). Acesso em: 18 de Abr. 2024.

SERRA, Dayse. **Autismo, família e inclusão**. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/VaioPC/Downloads/admin_depext,+4Autismo+familia+e+inclusao.pdf. Acesso em: 22 de Abr. 2024.

SERRA, Dayse. **Autismo, família e inclusão**. Disponível em: [file:///C:/Users/VaioPC/Downloads/admin_depext,+4Autismo+familia+e+inclusao%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/VaioPC/Downloads/admin_depext,+4Autismo+familia+e+inclusao%20(1).pdf). Acesso em: 21 de Abr. 2024.